



## **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: OS DESAFIOS ACERCA DA DISCUSSÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA.**

Tito Marcos Domingues dos Santos

*Escola Municipal Mem de Sá*

[titodomingues1@hotmail.com](mailto:titodomingues1@hotmail.com)

### **Resumo:**

Algumas temáticas ainda se mostram delicadas para serem tratadas na escola. Mesmo porque, não estão diretamente explícitas no currículo mínimo e repletas de representações sociais que ameaçam o desmonte de alguns valores e costumes hegemônicos da sociedade contemporânea, marcada por relações de poder. A questão da sexualidade, especificamente, a homossexualidade, é um tema em que a escola tem evitado há muito tempo. E, por mais que a mídia tenha, quantitativamente, feito sua representação social favorável, a escola ainda se encontra receosa e insegura em inseri-la, de uma vez por toda, sem culpa, como conteúdo, em uma ou em várias disciplinas de sua grade curricular. A Educação de Jovens e Adultos (EJA), em suas características de modalidade que acolhe um alunado adulto e diverso, apresenta possibilidades de implementar um currículo instituinte e aberto às demandas da contemporaneidade e dos alunos. Este trabalho tem por objetivo traçar as possibilidades em que a EJA tem em inserir, em sua proposta curricular, em constante processo de construção, o diálogo e as atividades relacionadas à homossexualidade e suas características, desde que se leve em conta a formação continuada de professores ao focar: respeito aos indivíduos em sua diversidade e diferença. Utiliza-se aqui, enquanto aparato teórico, os estudos de Louro, relacionados às questões de gêneros na educação. Como resultado, conclui-se que a formação continuada para diversidade poderá proporcionar subsídios teóricos capazes de levar o (a) professor (a), que por algum motivo, tenha dificuldades ou aversão ao tema da homossexualidade, deixa de ter uma ideia limitada acerca da diversidade sexual, pautada principalmente no binarismo homem-mulher, e, esteja mais seguro (a) mais à vontade no desenvolvimento de conteúdos onde a diversidade sexual possa ser contemplada.

**Palavras-chave:** educação de jovens e adultos, homossexualidade, formação continuada

## **Introdução:**

É provável que todos (as) professores (as) com poucos anos de magistério, tenham vivenciado algum tipo de situação em sala de aula, ou na escola, que esteja ligada à temática da homossexualidade. Seja nos comentários sarcásticos dos (as) alunos (as), seja nas piadas direcionadas ao (a) aluno (a) que fuja, em sua forma de falar, gesticular e de se expressar corporalmente, dos padrões heteronormativos consolidados historicamente em nossa sociedade.

Muitos (as) podem não se sentir à vontade em tratar da temática, ou mesmo interagir com os (as) alunos (as), diante de uma situação onde surjam comentários e atitudes hostis ligadas à homossexualidade. Até mesmo, podem se omitir diante da situação, por mudar o foco do assunto ou pedir para que não se mencione sobre essa questão na escola.

Talvez, para muitos (as) professores (as) e para a escola, seja mais confortável fingir que não está vendo. E, ao serem perguntados (as) por pais ou outras pessoas de fora da escola, seja mais fácil responder do seguinte modo: *"em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isso, nós não temos nenhum problema nessa área", ou então, "nós acreditamos que cabe à família tratar desses assuntos"*. (LOURO, 2003, p.80)

Culpar os (as) professores (as) e os demais profissionais da educação pela reprodução de comportamentos e atitudes hostis relacionadas à homossexualidade na escola, não seria, à priori, uma atitude adequada. É preciso pensar acerca do processo histórico que contribuiu para que a escola que, omite e discrimina a homossexualidade, foi formada. Processo que desde o início, valorizou o binarismo homem- mulher, menino-menina e assim por diante. Instituição em que ainda se valoriza o hábito de menina ter que entrar na fila apenas com outras meninas, menino ter que formar, também, com outros meninos, bem como brincadeira própria e adequada para menina e menino. Pois, conforme Louro (2003, p. 81): *"Não há dúvidas de que o que está sendo proposto, objetiva e explicitamente, pela instituição escolar, é a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais — nos padrões da sociedade em que a escola se inscreve. "*

Ainda mais quando se leva em conta que professores (as) possam possuir suas próprias crenças, religiões, valores, forma de pensar e de estar no mundo. Não seria nada razoável achar que um (a) professor (a) nascido num lar tradicionalmente cristão e com sua concepção do cristianismo, centrada no binarismo heterossexual, tivesse que deixar em casa toda sua visão acerca da sexualidade, ao chegar no ambiente escolar. Deve-se levar em conta que:

Em nossa sociedade, devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aqueles e aquelas que não



compartilham desses atributos. A atribuição da diferença é sempre historicamente contingente — ela é dependente de uma situação e de um momento particulares. (LOURO, 2003, p.50)

E, essa concepção de hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã ainda é bem marcante entre os (as) professores (as). Por mais que tenham se intensificado nas mídias e nos espaços sociais, a presença de indivíduos e de ações que reforçam as diversas possibilidades de gêneros, que não seja unicamente a heterossexual, a escola ainda sustenta em suas práticas, o discurso heteronormativo.

Mesmo quando em sala de aula, ou no ambiente escolar, possam surgir situações em que as questões da homossexualidade venham à tona, muitos professores não se sentem à vontade em aprofundar o diálogo, devido à falta de informação e/ou do desconhecimento teórico produzido pela comunidade científica que possam subsidiá-los no diálogo acerca da diversidade de gênero, ou, até mesmo, por falta de interesse no tema.

No que tange à interação com crianças e adolescentes nesse assunto, a situação fica ainda mais complexa, pois, diferentes esferas da sociedade – família, igreja e Estado- exigem que o (a) professor (a) seja um exemplo infalível para que esses futuros adultos possam exercer a cidadania de forma à perpetuarem os valores sacramentados da heterossexualidade, consolidados historicamente.

Mesmo quando o ambiente escolar possa estar mais favorável à discussão da ideologia de gênero, muitos professores (as), podem achar que este assunto não lhe cabe ou não é de seu interesse.

Ao se trabalhar com uma turma, em que grande parte do alunado já esteja na fase adulta, as chances de se poder aprofundar mais no assunto, sem o risco de ter que dá satisfações aos pais e ao Estado, é muito maior. Isso poderá acontecer ao se tratar de questões ligadas à homossexualidade, com alunos da modalidade de Educação de Jovens e adultos. (EJA).

Em sua natureza de público adulto e diverso, a EJA acolhe um alunado de diferentes etnias, religiões, opção sexual, formação política, formação profissional, enfim, sujeitos com diferentes histórias e experiências. Conforme Gadotti (2008, p. 33):

A educação de adultos deve ser sempre uma educação multicultural, uma educação que desenvolve o conhecimento e a integração na diversidade cultural. É uma educação para a compreensão mútua, contra a exclusão por motivos de raça, sexo, cultura ou outras formas de discriminação.

Por mais que esteja inserido nesse alunado diverso, um significativo número de alunos que se opunham à liberdade de gênero e à discussão acerca da homossexualidade, o diálogo respeitoso e caloroso, mediado por um professor experiente e com boa formação teórica acerca do tema, poderá surtir bons efeitos no que tange ao combate ao preconceito que tem se manifestado em relação à homossexualidade, tanto na escola, quanto em diferentes esferas da sociedade, durante muito tempo.

Este trabalho tem por objetivo traçar as possibilidades em que a EJA, em sua proposta curricular, em constante construção, tem em incluir o diálogo e as atividades relacionadas à homossexualidade e suas características, desde que se leve em conta à formação continuada de professores ao focar: conhecimento teórico acerca das questões da homossexualidade para além do binarismo homem-mulher.

Mais do que um texto teórico com finalidades acadêmicas, este trabalho visa apelar, também, de forma política, para que a comunidade científica ligada à pesquisa na educação e aos estudos da diversidade de gênero, possa, ainda mais, reconhecer a importância da formação continuada de professores como uma ferramenta precisa para que mais e mais docentes possam se sentir aptos, sensibilizados e formados para acolher a temática da homossexualidade, de forma que, no futuro, a ideologia de gênero possa ser discutida sem receio e sem culpa na escola por mais e mais professores. Em diálogo com Louro (2003, p.85):

Portanto, se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades. (LOURO, 2003, p.85)

A autora coloca que as identidades dos alunos estão sendo produzidas e marcadas através de relações de desigualdades e, se reconhecermos essa desigualdade voltada para a manutenção de uma sociedade dividida, poderemos nos contrapor à disseminação da desigualdade e do preconceito na escola. Mas, como poderão os (as) professores (as), não apenas reconhecer essa desigualdade, como também se sensibilizarem e se contraporem em contribuir com a disseminação do preconceito na escola pública?



Nas linhas que se seguem, será explanado como a formação continuada voltada para as questões da homossexualidade, poderá contribuir para que professores da modalidade de Educação de Jovens e Adultos estejam mais aptos, dispostos e sensíveis ao tratamento da temática na escola e na sala de aula.

### **Desenvolvendo teoricamente o tema:**

A questão da sexualidade/homossexualidade perpassa todas as modalidades de ensino, desde a educação infantil ao ensino superior. A modalidade de Educação de Jovens e Adultos não fica apartada dessas questões. Mesmo porque:

As questões referentes à sexualidade estão, queira-se ou não, na escola. Elas fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula — assumidamente ou não — nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes. (LOURO, 2003, p.131)

Mesmo assim, muitos professores, inclusive da modalidade de EJA, podem não se sentir interessados, estimulados ou à vontade para tratar dessas questões com seu alunado adulto. E, também, mesmo aqueles que possam ter aptidão no tratamento do tema, podem não se sentir autônomos para produzir currículo relacionado à temática.

Levando-se em conta que mesmo não havendo um consenso entre pesquisadores da área dos estudos relacionados às questões de gênero e entre às políticas educacionais formuladoras de currículo estabelecidas pelo Ministério da Educação e da Cultura (MEC), estudos na área da EJA, têm reconhecido o (a) professor (a) como produtor (a) de currículo. Pesquisadores (as) dessa modalidade de ensino têm demonstrado que os professores (as) devam, também, ser produtores de currículo. Isto significa que a produção do currículo dessa modalidade, não deva ser, exclusivamente, dependente das políticas educacionais formuladoras de currículo vindas do MEC e da pesquisa acadêmica, mas também, pode ser fruto da autonomia docente e de sua decisão enquanto profissional, também, responsável na formulação do currículo.

Alguns pesquisadores que tratam do currículo da EJA têm demonstrado seu interesse em transparecer que o (a) docente não deva estar limitado apenas ao conteúdo estipulado por esferas externas à escola, mas, apontam para possibilidade de que o currículo possa ser produzido e ampliado, também, pelo professor.

Ao atuar como consultora no processo de reformulação curricular do ensino fundamental, com professores da rede estadual da Bahia, Paiva (2002, p.1) destacou o fato de “*os professores não se reconhecerem como produtores de currículos, nem o fato de considerarem como expressão curricular as suas práticas pedagógicas*”.

Pedroso & Macedo (2011), ao analisarem a produção dos 24 trabalhos relacionados à categoria Currículos e Práticas Pedagógicas do GT 18, voltado às pesquisas da EJA, da ANPED, apresentados no período de 1998 a 2008, identificaram um consenso entre pesquisadores:

(...), entretanto, foi possível perceber que o currículo tem sido pensado de forma mais abrangente, contemplando também procedimentos metodológicos e avaliativos, para além dos conteúdos a serem desenvolvidos. Considerando-se ainda esse olhar mais amplo, tem-se enfatizado o quanto fundamental é que os professores se reconheçam como produtores desse instrumento e compreendam que suas práticas pedagógicas são uma expressão desse. (PEDROSO & MACEDO, 2011. p.205).

Esse resultado aponta que, entre os pesquisadores da área de currículo da EJA, exista um consenso de que os (as) professores (as) devam ser produtores (as) de currículo. Isso nos leva a pensar acerca das possibilidades em que o tema relacionado às questões de gênero/homossexualidade possa ser tratado em sala de aula, e, que sua relevância não esteja, unicamente, na dependência das formulações curriculares oriundas do MEC, mas, que dependa do interesse dos educadores (as) e dos (as) educandos (as).

Como não desperdiçar a possibilidade de introduzir um tema tão delicado e ter condições para ministra-lo em suas turmas de EJA?

Como colocado na introdução desse ensaio teórico, não se deve culpar o (a) professor por não interferir e/ou não introduzir a temática em suas proposições. O (a) docente deverá, primeiramente, se sentir à vontade em incluir o tema; reconhecer que o avanço no processo civilizatório, requer o respeito às diferenças dos sujeitos por toda sociedade e, se perceber enquanto educador (a), responsável, também, enquanto profissional formador (a) de opinião, para que o preconceito não esteja presente e seja manifesto em suas diferentes faces, tanto na escola, quanto na sociedade.

Percebe-se até aqui que os (as) professores (as) podem ser produtores de currículo na EJA. Devem introduzir os conteúdos e tratar das temáticas, de acordo com a demanda de interesse e das necessidades dos (das) educandos (as). Porém, como sensibilizá-los (as) e formá-los (as) para que possam ter condições emocionais e teóricas ao tratar e interferir de forma não preconceituosa acerca do assunto da homossexualidade nessa modalidade de ensino?



Pensar na formação continuada voltada para o tema da homossexualidade, poderá ser uma alternativa valiosa para que os (as) professores (as) possam ser formados (as), teoricamente, e sensibilizados em reconhecer a relevância do tema na escola.

A escola enquanto instituição que tem como finalidade formar os indivíduos em diferentes dimensões: cultural, profissional, humanística, política, social e etc., não pode desvalorizar o que é produzido pela ciência. Nem, tampouco, desprezar o que é produzido entre os movimentos sociais.

Mas, como será possível aos (às) professores (as), refletir acerca da homossexualidade, e também, do currículo que possa combater a exclusão e o preconceito, sem que haja o conhecimento teórico necessário ao reconhecimento das diferenças dos indivíduos? De acordo com Costa (2015, p.18):

Antes, ainda é urgente desenvolver a formação de professores em sua dimensão teórica e na produção do conhecimento por intermédio da pesquisa. Posto que "A aversão à teoria constitui a fragilidade da práxis", como afirmado por Adorno (1995), com vistas à superação da pseudo ideia de que a práxis docente e os métodos canônicos de ensino, possam ser pensados e admitidos com um fim em si mesmos, como também, suficientes no enfrentamento e na problematização dos limites sociais, impostos historicamente aos professores, como sendo limites humanos. Esse fazer pedagógico banaliza e/ou nega a demanda humana por uma formação teórica que possibilite uma atuação investigativa e política contrária à reprodução da lógica capitalista de produção social na escola.

Costa (2015) ao se referir ao pensamento de Adorno, reconhece que a prática cotidiana em sala de aula, por si só, não é capaz de levar o (a) docente a superar, ou ir além do que está muito evidente. A práxis sem a teoria, se torna frágil. Pois, o conhecimento teórico, advindo da pesquisa científica, poderá funcionar como uma lente de aumento que fará com que os olhos dos (das) professores (as) enxerguem muito além do que está próximo e evidente. Por exemplo, por muito tempo, a humanidade achou que a sexualidade fosse apenas uma necessidade biológica dos seres humanos. Com o avanço do conhecimento teórico, percebe-se que, entre os humanos, a sexualidade não está restrita à finalidade da procriação. Perpassa, também, pelo desejo e necessidades criadas nas relações culturais e afetivas entre os indivíduos. (LOURO, 2003)

O conhecimento teórico produzido pela comunidade científica poderá ser útil para que se desvele muitas concepções equivocadas acerca da homossexualidade. Esse conhecimento teórico, oriundo de pesquisas sérias e consistentes, ao chegar diante dos (das) educadores (as), possivelmente, ampliará suas concepções limitadas acerca do tema. Pois, conforme Louro (2003, p. 76):

Se pretendemos ultrapassar as questões e as caracterizações dicotomizadas, precisamos reconhecer que muitas das observações — do senso comum ou provenientes de estudos e pesquisas — se baseiam em concepções ou em teorias que supõem dois universos opostos: o masculino e o feminino. Também aqui é evidente que a matriz que rege essa dicotomia é, sob o ponto de vista da sexualidade, restritamente heterossexual. Como uma consequência, todos os sujeitos e comportamentos que não se "enquadrem" dentro dessa lógica, ou não são percebidos ou são tratados como problemas e desvios.

E, muitos professores da modalidade de Educação de Jovens e Adultos e também de outras modalidades e/ou níveis de ensino, poderão estar perdendo a chance de se envolver e de implementar currículos que tratam da homossexualidade, simplesmente por não terem acesso ao conhecimento teórico referente à temática.

Se muitos professores tiverem acesso ao conhecimento teórico através da formação continuada e, oportunidade de dialogar e de interagir com os movimentos LGBT dentro e fora da escola, possivelmente, sua concepção equivocada acerca da homossexualidade possa ser modificada. Pois, Crochík (2015, p. 50), em seus estudos acerca do preconceito, revela que este é um fenômeno social e não biológico. Ele não nasce com o indivíduo. É fruto da experiência do indivíduo com a cultura em que está inserido. Mas, como o professor da Educação de Jovens e Adultos, poderá percebê-lo e estar apto ao seu combate?

Entender a manifestação do preconceito exige estudo teórico. Este estudo é indispensável a todos professores. Sem entender as suas causas, torna-se inviável combatê-lo. Pois:

O preconceito é um fenômeno social, que indica a restrição às experiências individuais, as quais são necessárias para a constituição desses indivíduos. Se o problema tem origem social, a educação escolar, que é uma instituição social, não pode por si mesma superar o que não produziu sozinha, mas pode contribuir com a formação de consciências que levem a pensar o que nos torna insensíveis e nisso contribuir com o combate à perseguição de todos (as), alguns (as) dos (as) quais, como forma de defesa, desenvolvem preconceitos, enquanto outros (as) são seus alvos. (CROCHIK, 2015, p.50).

E, diante dos desafios impostos pela temática da homossexualidade na escola, urge, cada vez mais, a necessidade de que professores (as) da Educação de Jovens e Adultos tenham acesso à experiência teórica e à pesquisa que poderão se concretizar através da formação continuada, tanto oriunda da universidade, como, também, oriunda do diálogo entre escola e movimentos de LGBT.

A Educação de Jovens e Adultos por ser uma modalidade de ensino que possui um alunado, em sua maioria, já pertencendo a maior idade, poderá não sofrer tanta interferência desestimuladora de instituições como, família, Estado e igreja, ao se promover o diálogo aberto e direto em relação à





homossexualidade. Talvez, o desafio maior esteja em sensibilizar os professores para que possam ter maior autonomia, coragem, interesse e preparo para abordar a temática.

### **Conclusão:**

Mesmo que exista muito tabu na sociedade acerca da homossexualidade e isso venha se traduzir na manifestação do preconceito na escola, é possível amenizar essa realidade tão estagnadora do processo civilizatório, desde que se perceba que muito ainda se possa fazer para reverter esse quadro.

Conclui-se que a formação continuada voltada para professores (as), que enfatize a temática da homossexualidade na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), possa ser uma grande possibilidade para que se desconstrua o tabu acerca da temática e também estimule, encoraje, capacite e oportunize interações e diálogos entre educadores (as) e educandos (as) da modalidade.

É importante enfatizar que o modelo de escola vigente em nossa sociedade ainda reproduz as práticas discriminatórias e preconceituosas acerca da homossexualidade e que o despreparo de muitos educadores em combater esse fenômeno é resultante de um processo histórico-cultural pautado no binarismo homem-mulher e de concepções, tanto científicas e do senso comum, que enfatizam, substancialmente, a heterossexualidade como a única manifestação digna de ser reproduzida e ensinada na escola.

Muitos professores (as) por estarem inseridos nesse contexto preconceituoso, acabam fazendo adesão ao modelo hegemônico e reproduzindo práticas que levam à repressão e à omissão da homossexualidade na escola.

Porém, a formação continuada de professores, tanto oriunda da universidade quanto dos movimentos sociais LGBT, poderá disseminar práticas pedagógicas, bem como, levar à produção de currículo favorável à implementação, definitiva, sem culpa, sem medo, sem tabu e não preconceituosa acerca do tema da homossexualidade na escola.

A Educação de Jovens e Adultos por ser uma modalidade de ensino que acolhe um alunado adulto e culturalmente diverso, possui uma vocação favorável para que experiências de interação e diálogo entre diferentes grupos – heterossexuais, bissexuais, homossexuais, transexuais e etc., - possam ocorrer na escola.

Para que os (as) professores (as) possam ser mediadores (as), interventores (as), partícipes e acolhedores de todo alunado em sua diversidade sexual, é necessário que estejam bem formados. Não apenas (in) formados pela mídia de massa, mas também capacitados em cursos de formação dentro e fora da escola, como também, em diálogo e interação com movimentos sociais que defendam à diversidade de gênero.

Para finalizar, é importante salientar que para que essa formação continuada seja oferecida aos (às) professores (as), será importante reconhecer que os muros da escola precisam ser ultrapassados e/ou rompidos, bem como, se negocie formas de penetração dos cursos de formação continuada também dentro da escola, seja por pesquisadores da área, seja por integrantes dos movimentos sociais, através do diálogo constante com a comunidade escolar, como também com a sociedade civil e política. Trata-se de um movimento de formação continuada, como também, de um movimento político a ser travado com muita cautela, coragem, luta e seriedade.

#### **Referências:**

ADORNO, T. W. **Palavras e sinais modelos críticos 2**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

COSTA, V. A. da. Possibilidades da Formação e da Pesquisa à Educação Inclusiva. In: COSTA, V. A. da. (Org.) **Formação e Pesquisa: articulação na educação inclusiva**. Niterói: Intertexto, 2015.

CROCHÍK, J. L. Educação Inclusiva, subjetividade, preconceito e direitos humanos: qual sua relação? In: SILVA, A. M. M; COSTA, V. A. da. (orgs.) **Educação inclusiva e direitos humanos perspectivas contemporâneas. 1 edição**. São Paulo: Cortez, 2015.

GADOTTI, M. Educação de Jovens e Adultos: correntes e tendências. In: GADOTTI, M. & ROMÃO, J. E. (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo, SP: Cortez, 2008.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação Uma perspectiva pós-estruturalista**, Petrópolis: Vozes, 2003

PAIVA, J. Proposições curriculares na EJA: formação continuada como metodologia de pesquisa. In: 25 Reunião Anual da ANPed. **Anais da 25 Reunião Anual da ANPed**: Caxambu 2002.

PEDROSO, A.P.F; MACEDO, J. G. Currículos e práticas pedagógicas: fios e desafios. In: SOARES, L. (Org.) **Educação de Jovens e Adultos: o que revelam as pesquisas**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

